

Das lutas ao futebol: o que está em jogo?

Profa. Nyna Taylor Gomes Escudero

EMEF Dona Jenny Gomes

O presente relato narra a experiência de estudo sobre o futebol vivido pela 8ª série C da EMEF Dona Jenny Gomes, no ano de 2013, estendendo-se por cinco meses. A escola, situada na Zona Leste da cidade de São Paulo e supervisionada pela Diretoria Regional de Educação da Penha, atende uma média de 1000 alunos do Ensino Fundamental, aproximadamente 200 alunos a menos que no último mapeamento realizado - e distribuídos em três turnos, sendo o noturno oferecido às turmas da Educação de Jovens e Adultos.

O início desse ano letivo representou um recomeço, visto que, eu não atuava como docente desde 2008. Foi um período em que meu contato com os alunos se restringiu aos corredores, reuniões de pais, pátio, portões, nos horários de entrada e saída, enfim, a espaços extraclasse e, assim, recomeçar constituiu-se em um desafio.

Esse retorno veio seguido de um estranhamento causado pelas respostas dos alunos acerca das minhas proposições para as aulas. Contudo, o estranhamento não foi apenas da professora em relação aos alunos, mas também dos alunos em relação à prática pedagógica da professora, a qual pauta-se na perspectiva cultural do componente, defendida por Neira e Nunes (2009). Nessa perspectiva a noção de movimento humano desprende-se dos pressupostos da biologia e passa a ser concebido como uma forma de linguagem, assim sendo, entende que o movimento humano comunica significados, os quais são construídos culturalmente.

No entanto, a representação dos alunos que vem sendo construída ao longo de sua escolarização é de que a disciplina Educação Física deve dedicar-se ao ensino do esporte, mas a partir de uma perspectiva técnica, em que a repetição mecânica dos movimentos específicos do esporte contribuiria para o desenvolvimento das habilidades motoras necessárias à prática da modalidade em questão.

Romper com a soberania da prática, desligada das questões mais amplas que envolvem os sujeitos no seu cotidiano, compreendendo as práticas da cultura corporal dentro de seus limites contextuais sem adjectivá-las como melhores ou piores, constituiu-se em minha preocupação central, visto que compreendo que a escola não pode atuar como se não fizesse parte da vida dos alunos e ainda que a cultura seja um espaço de luta por significados que se expressam por meio das práticas corporais, sendo assim, não pode ser analisada fora

das relações de poder imbricadas na produção dos discursos que privilegiam certas práticas às custas do apagamento de outras.

Buscando aproximar-me dos alunos com vistas a estabelecer uma relação de fato democrática, compreendendo que isso implica necessariamente na análise da realidade, iniciei o mapeamento pelos espaços em torno da escola a fim de conhecer quais práticas corporais a comunidade vivencia. Constatei que o mapa resultante está bem diferente do desenhado há cinco anos atrás, data do último mapeamento. As mudanças substanciais referem-se à presença de mais duas academias muito bem aparelhadas; a praça equipada com uma quadra, pista de caminhada e aparelhos para realização de exercícios. Por intermédio dos alunos tomei conhecimento da existência de mais três campos de futebol.

De posse dessas informações e já conhecendo os recursos físicos e matérias da escola dos quais a Educação Física pode se valer, comecei o mapeamento das práticas corporais presentes no universo experiencial dos alunos, com a intenção de selecionar a manifestação cultural corporal que iríamos estudar. Essa avaliação diagnóstica permitiu estabelecer uma conexão com a vida deles possibilitando uma atribuição de sentido extremamente importante para o desenvolvimento do trabalho nas aulas. Ressaltei a importância de registrarmos as atividades realizadas. Por essa razão chamei a atenção para a necessidade de um caderno, dessa forma, tanto o professor quanto os alunos, podem acompanhar as aprendizagens, mudanças no mapa inicial, bem como os equívocos que por ventura possam emergir das situações didáticas.

Elaborei um questionário que me permitiu conhecer as práticas corporais acessadas pelos alunos, não apenas pela vivência como também aquelas que eles acessam por meio das mídias. Seguem abaixo as questões que compuseram o instrumento que denominei “perfil do aluno”, uma vez que trouxe informações relevantes para compreendê-los melhor e para a continuidade do trabalho e, ainda, para conectar o estudo realizado na escola com as suas vidas. A análise coletiva das respostas me permitiu avaliar e decidir o caminho que seguiríamos:

Mapeamento Inicial – Perfil do Aluno – 18/02/2013

Nome –

Endereço –

Telefone

Idade –

Local de Nascimento –

1. Quais práticas corporais você vivencia ou sabe que a comunidade vivencia? 2. Quais práticas corporais você conhece, mas que já vivenciou? 3. Você pratica alguma atividade física regularmente? 4. Se sim qual e onde você aprendeu? 5. O que você aprendeu nas aulas de Educação Física? 6. Você conhece o Projeto Político Pedagógico da Escola? Em caso afirmativo fale um pouco ou o que sabe sobre ele. 7. Você curte música? Qual estilo ou quais estilos? 8. E filmes, você gosta? Qual gênero de sua preferência? 9. Seriados televisivos, você curte? Cite alguns. O mesmo serve para novelas. 10. Qual o seu principal passatempo fora do âmbito escolar? 11. Como você acha que as aulas de Educação Física podem contribuir para a sua formação?



A aplicação do questionário foi inicialmente individual, posteriormente, dada a minha intenção de implicá-los na escolha da manifestação cultural a ser estudada, foram reunidos em grupo, a fim de que pudessem tabular os dados coletados. Formei os grupos e distribuía aleatoriamente os instrumentos preenchidos em igual número para cada grupo.

A tarefa consistiu em registrar a tabulação dos dados em uma folha identificada com os nomes dos componentes do grupo e suas respectivas séries. Como todas as turmas da 8ª série sob a minha responsabilidade fizeram a mesma atividade foi necessário especificar a série.

Um aluno ficou responsável pelo registro e os demais colegas, de posse dos questionários, ditaram para o colega escriba as respostas que não deveriam se repetir. Por exemplo: na questão sete sobre os estilos de música que os alunos curtem, o escriba anotou o que o colega leu na folha que recebeu da professora, depois anotou do outro e do outro, desde que não se repetissem. Considerando que o tempo que estavam dedicando à atividade era excessivo, orientei que se não compreendessem o que estava escrito deveriam desprezar a resposta e que o mesmo procedimento deveria ser adotado no caso da resposta não fazer sentido.

Após o exercício fizemos a síntese na lousa da mesma maneira que foi feita na folha de papel. A dinâmica foi a seguinte: O primeiro grupo foi à lousa registrou suas respostas e

os demais apenas acrescentaram o que era diferente. Esse movimento foi registrado por meio de fotografia.



Terminada esta etapa, passamos a analisar as respostas colhidas. Ocorreu-me perguntar quantos alunos tinham acesso à TV paga, uma vez que os seriados apontados eram estrangeiros, embora alguns já fossem transmitidos pela TV aberta. O “eu” foi quase unânime. Perguntei quantos da sala eram evangélicos, já que o gênero musical gospel apareceu em várias listas. Cinco alunos levantaram as mãos. A meu ver essas informações são relevantes porque me permitem articular o tema do estudo com questões que se aproximam das vivências e preferências dos alunos.

Para decidirmos pelo objeto a ser estudado buscamos agrupar as respostas que se aproximavam tornando possível a elaboração das seguintes categorias:

- Esporte referiu-se a: futebol, vôlei, tênis, ginástica, handebol, basquete.
- Luta referiu-se a: tae kon do, karatê e luta, simplesmente.
- Esportes sobre rodas referiram-se a: bicicleta, skate e patins.
- Dança.
- Brincadeiras referiram-se a: rouba bandeira, bolão, base quatro, queima.

Dado o número de categorias, foi necessário estabelecer alguns critérios para a seleção da prática corporal. Adotamos como parâmetros dois princípios do currículo cultural: reconhecimento das identidades culturais¹ e a descolonização do currículo². A partir daí adotamos dois critérios: as práticas já vivenciadas pelos alunos deveriam ser descartadas; e a escolha da manifestação deve considerar os recursos físicos e espaciais.

¹ Permite articular a cultura corporal dos alunos, da família, do bairro como a manifestação corporal a ser investigada.

² Visa trazer para a pauta, manifestações da cultura corporal que tem estado ausentes do currículo.

Na categoria esporte, eliminamos futebol, vôlei, ginástica, handebol e o basquete por serem práticas já vivenciadas na escola. Embora eu considere que a vivência não levou os alunos a conhecer mais profundamente essas modalidades, entendi que manter o currículo colonizado só reforçaria a ideia de que Educação Física de fato é o que eles sempre tiveram, ou seja, o movimento pelo movimento sem nenhuma reflexão. Permanecendo tal concepção, o espaço das aulas não é visto como ambiente de produção cultural, tampouco de aprendizagens. Nesta categoria restou apenas o tênis. O mesmo critério foi utilizado no caso das brincadeiras. As práticas mencionadas, segundo os alunos, haviam sido enfatizadas em anos anteriores.

Os esportes sobre rodas foram descartados, uma vez que não dispúnhamos das condições materiais necessárias. Quando questionados, um aluno afirmou possuir um skate e outros três, bicicleta. Coletivamente, excluímos a categoria. Já a dança e a luta apresentaram possibilidade de estudo, pois a escola dispõe de recursos materiais e físicos para as vivências.

Com base no mapeamento do entorno e nas informações adicionais dos alunos no que diz respeito aos espaços de prática de lutas, decidimos pela seguinte sequência: em primeiro lugar as lutas, depois o tênis, visto que a escola dispõe de material para a prática e, finalmente, a dança.

O encontro seguinte foi pensado com o objetivo de ampliar as informações, realizando o mapeamento dos saberes dos alunos acerca das lutas. Por essa razão lembrei ser preciso registrar as atividades, uma vez que a documentação contribui para a visualização do trajeto percorrido. Solicitei aos alunos que providenciassem um caderno de Educação Física, todavia o registro deveria ser feito livremente.

As aulas tinham início com a leitura da descrição do que foi feito na aula anterior, na maioria das vezes por mim, já que até o momento essa prática ainda se mostrava estranha para os alunos, principalmente por se tratar de aulas de Educação Física.

No que respeita ao início do trabalho tenho que enaltecer o envolvimento dos alunos nas atividades propostas, bem como no processo de decisão da prática corporal a ser investigada. Decisão difícil, uma vez que o futebol era destacado em cada ensaio de fechamento desta fase. Embora não tivessem aceitado que o futebol não entraria no rol das práticas a serem estudadas, os alunos compreenderam os critérios do processo de escolha.

Passei então, a mapear os saberes dos alunos acerca das lutas com a seguinte questão: Quando ouve falar em lutas, o que você pensa? As respostas ora referiam-se aos lutadores, ora aos nomes das lutas: boxe; capoeira; tae kon do, muay thay; MMA; vale tudo; jiu jitsu;

hapkidô; esporte; exercício; competição; trabalho-profissão; UFC; sangue; orelha amassada; WWE; esgrima; karatê; kung fu; sumô; greco-romana; Anderson Silva; Minotauro; Vitor Belfort; Vanderlei Silva; Cigano; José Alves.

À medida em que os alunos falavam, eu registrava na lousa tentando distribuir as informações por categorias. A exemplo do exercício com o primeiro mapeamento, solicitei que juntos pensássemos com qual luta iniciaremos. Percebendo a dificuldade que a tarefa exigia sugeri que pensassem nas lutas que mais se aproximavam da nossa realidade. Aqui me referi ao nosso país. Foi então que o grupo conseguiu eleger duas categorias, a saber: lutas ocidentais e lutas orientais, nesse momento surgiram às primeiras dúvidas sobre quais de fato eram de uma ou de outra categoria. Esclareci que o nosso estudo poderia dar conta de dirimir essas dúvidas. Para tanto, sugeri que anotassem os dois mapas e buscassem investigar o que caracteriza uma luta oriental e o que a diferencia de uma luta ocidental.

Lutas do Ocidente

boxe; capoeira; MMA; vale tudo;

Lutas do Oriente

Tae kon do; muay Thay; jiu jitsu;
hapkidô; karatê; kung fu; sumô; luta
greco-romana

O critério de aproximação fez com que o grupo entendesse que seria mais coerente começar pela capoeira. A partir daí, perguntei se algum aluno já lutou capoeira. Como resposta obtive outra pergunta: Professora capoeira é luta ou esporte, ou será jogo? No currículo cultural professores e alunos se transformam em investigadores da prática estudada. Sendo assim, as respostas às perguntas que emergirem no decorrer do estudo seriam buscadas por todos os envolvidos. Nessa perspectiva o ensino vai além da informação e da transmissão de conhecimentos sobre a capoeira. A prática investigativa permite que diferentes modos de ver a capoeira e de narrá-la, possam surgir do estudo. Como afirmam Neira e Nunes (2009, p. 233) “... os educadores tornam-se menos escolares e mais culturais. Menos parecidos com o professor e mais próximos do artista...”

Antes de irmos para quadra perguntei se a classe sabia algo sobre os praticantes de capoeira, sobre os movimentos, enfim sobre a dinâmica. Já que ninguém manifestou conhecimento sobre essa prática sugeri que fossemos para quadra para vivenciar nossa primeira experiência.

Comecei dizendo que a capoeira era praticada em roda, a partir daí, os alunos mais experientes, os quais se calaram após a minha pergunta na sala de aula, arriscaram alguns elementos: ginga, golpe, malabarismo, berimbau, chocalho, tambor, cordão e alguém

mencionou *street fighter*³. Eu disse alguém porque o autor não se identificou, assim mesmo eu registrei.

Evidente que os alunos não queriam estudar as lutas, tampouco vivenciá-las. Isso se revelava nos comentários depreciativos sobre elas, não as reconheciam como atividades a serem vivenciada nas aulas de Educação Física, principalmente aqueles que pediam futebol o tempo todo, visto que estavam habituados a aulas de Educação Física pautadas exclusivamente nas vivências corporais, criando assim um estranhamento e até uma resistência a aulas baseadas em conversas e debates, de pesquisa e de investigação. Contudo, ponderei que à medida em que o estudo avançasse essa representação poderia mudar e decidi seguir adiante.

Perguntei se alguém poderia explicar para o grupo como se faz a ginga. Como não apareceram voluntários, expliquei didaticamente como realizar o movimento e ao fazê-lo, alguns alunos começaram a ajudar com informações do tipo: “não pode cruzar o pé atrás”; “precisa ficar mais baixo, assim fica mais fácil”; “o braço também participa do movimento”. Aproveitando essas observações, dividi os alunos em grupos e sugeri que aqueles que estavam contribuindo liderassem a condução da ginga, os alunos não se opuseram, mas também não se sentiram à vontade. A situação ficou mais confortável quando eu fui passando pelos grupos e dando importância às orientações dos colegas e estimulando a realização do movimento de acordo com o que eles orientavam. Deste modo, penso que eles se sentiram autorizados a ensinar a ginga e portadores de um conhecimento validado.

Os alunos colaboradores aos poucos foram se sentindo mais confiantes, quando passamos novamente para uma única roda o grupo estava sabendo o que fazer, porém pouco à vontade. Atribuo a esse desconforto o fato de que na roda todos ficam muito expostos e revelar nossos desconhecimentos não é tão simples.

Finalizei a aula com o encaminhamento para próxima vivência, todos deveriam pesquisar os golpes da capoeira para que pudéssemos experimentar.

O trabalho foi interrompido porque afastei-me para ocupar outra função na Diretoria Regional de Ensino. O afastamento que deveria durar um ano durou apenas três meses, razão pela qual o trabalho sofreu uma descontinuidade, tanto no que diz respeito ao tempo, quanto à dinâmica das aulas.

³ Street Fighter é uma popular série de jogos de luta na qual o jogador controla lutadores de diversas partes do mundo, cada qual com seus golpes especiais. A série é propriedade da empresa de jogos Capcom e teve seu primeiro jogo lançado em agosto de 1987.

Ao retornar à escola, minha intenção era retomar o mapeamento e seguir de onde paramos. Isso significava para mim, respeito a todo o trabalho realizado no início do ano. Contudo, não poderia ignorar o que havia sido feito nesse período em que estive ausente. Foi o que me levou a buscar informações sobre o que fora realizado pelos professores que assumiram as aulas. A análise dos diários de classe pouco revelou, uma vez que os registros apresentaram-se sintéticos demais, sendo impossível constatar qualquer conexão entre uma atividade e outra. Mesmo recorrendo à coordenação pedagógica, não obtive as informações suficientes. Resolvi então consultar os alunos. Os depoimentos não diferiram da interpretação dos diários, porém defendiam a dinâmica empreendida, qual seja, a sucessão de atividades com características lúdicas. O posicionamento dos alunos representava uma resistência declarada à retomada do estudo das lutas. “Assim que é legal. A gente joga futebol e as meninas fazem o que elas quiserem, desse jeito todo mundo fica feliz”. Diante daquele comentário, retomei o nosso primeiro dia de aula quando falei do meu compromisso como educadora, explicitando o que minimamente precisaria fazer. Planejar as aulas, desenvolvê-las tendo a avaliação como referência para o planejamento subsequente enquanto eles deveriam realizar as atividades e, caso não concordassem, teriam espaço durante as aulas para expor suas discordâncias, a fim de que as situações didáticas propostas pudessem contemplar a todos, portanto, qualquer desacordo não poderia desdobrar-se em lazer e ócio. Sendo assim, o meu papel como educadora certamente não se resumiria a fazê-los felizes.

Os alunos sabiam que eu estava advogando em favor do trabalho já realizado e então argumentaram que o futebol também estava no mapeamento e que eles não gostavam de luta, que não iriam fazer porque não queriam se machucar entre outras justificativas. Ponderei que talvez aquele embate não fosse salutar porque o problema, a meu ver, estava além das lutas e que a luta que eu teria que travar não era essa, mas a luta pela resignificação das aulas de Educação Física como espaço de produção e de aprendizagens. Era isso o que estava em jogo. Naquele momento entendi que começar o trabalho com o futebol seria o mais sensato a fazer.

Começamos então mapeando os conhecimentos dos alunos sobre o futebol: futebol de campo; de areia; aquático; americano; *society*; fifa street; de várzea; de botão; de prego; pebolim; futevôlei; *showbol*. Vale dizer que enquanto alguns se manifestavam, outros não conheciam as variações mencionadas pelos colegas e alguns se mantiveram calados, distantes do que estava sendo discutindo. Perguntei se eles estavam acompanhando os acontecimentos sobre a Copa das Confederações e Copa do Mundo. Os mesmos que estavam

participando responderam afirmativamente. Perguntei se eles sabiam por que se realiza um evento como a Copa das Confederações um ano antes da Copa do Mundo, qual o sentido disso? Um dos alunos arriscou dizendo que era um evento teste para a Copa do Mundo. Outro disse que a Copa das Confederações nada tinha a ver com o futebol, compreendi o descontentamento por parte de alguns alunos em relação à forma adotada para a condução da aula e para o estudo do futebol, então, lancei a pergunta: qual é o esporte disputado na copa das confederações? O debate ficou um pouco tenso e o incômodo aumentou quando perceberam o meu interesse em ouvi-los ainda que descontentes. Naquele momento ficou evidente para eles que o nosso estudo não se restringiria a ir para quadra, escolher os times e jogar.

Para tentar envolver aqueles que não participaram perguntei o que seria preciso para ser um jogador ou para conseguir jogar futebol. Os alunos se remeteram às habilidades: tocar, dominar e conduzir a bola; saber chutar; ter visão de jogo.

Na aula seguinte a atenção estaria no mapeamento da vivência do futsal inicialmente, já que a quadra estava acessível para a prática. Pedi que dividissem os times. Minha orientação logo foi acompanhada de uma pergunta: vamos ter que jogar com as meninas? Respondi que não, eles deveriam jogar como o jogo se apresenta socialmente, perguntei se conheciam alguma modalidade de futsal mista. Responderam não e rapidamente a classe se dividiu em dois times que aparentemente são adversários há algum tempo. Já as meninas não mostraram interesse em se organizar, bem como, alguns meninos que ficando de fora dos times já organizados, não queriam participar justificando que não gostavam. Avisei que mesmo assim todos teriam que participar, a fim de que o grupo possa analisar e ver o que seria preciso fazer para que todos participassem. Por essa razão, quem não estivesse jogando teria que registrar a sua observação sobre o jogo dos colegas. Dividi o tempo de tal forma que todos teriam que passar pelos dois papéis, ora de jogador, ora de analista.

Iniciamos o encontro seguinte com a leitura do registro da análise de um dos alunos. Como já era esperado, o relato que iniciou foi o meu já que nenhum aluno se dispôs a ler o seu, até porque, pelo que percebi, eles não tiveram o cuidado de organizar o que observaram por meio do registro no caderno.

O meu destaque foi para a ocupação do espaço, para o trabalho coletivo, para o conhecimento das regras, complementado pelos alunos que fizeram referência ao número de gols, às brigas, à falta de habilidade das meninas. Dessa atividade emergiram três eixos para serem estudados: as regras, a ocupação do espaço e a falta de habilidade das meninas. Busquei problematizar o terceiro eixo questionando sobre quais práticas corporais que

consideram masculinas e femininas e por que as meninas não desenvolveram a mesma habilidade que os meninos daquele grupo para o futebol? Responderam que as meninas se interessam por coisas diferentes dos meninos, então comentei sobre a atuação do 1º ano B, que durante a vivência do futebol, não demonstrou qualquer diferença de habilidade entre meninos e meninas, e a disposição para o jogo foi a mesma. Por que será? Perguntei. Pedi para que pensassem sobre o assunto e relacionassem as atividades para discutirmos posteriormente. Na sequência retomei a análise do jogo.

Considerando que a participação foi insignificante e que a análise não é um exercício muito tranquilo para o grupo, elaborei uma atividade de análise coletiva. Propus a análise de um jogo de futebol de salão de dois times desconhecidos: Carlos Barbosa contra CSM Futsal_FME Jaraguá. Inferi que se conhecessem os times poderiam se limitar a torcer e não observar os aspectos destacados na primeira análise, por essa razão, orientei que a atividade não era de mera assistência, sugerindo que escolhessem um time e observassem se havia alguma regularidade na movimentação dos jogadores, se conseguiam perceber alguma situação que se repetia na ação dos atletas e o que mais chamasse a atenção deveria ser registrado no caderno, para que ao final do vídeo pudéssemos trocar nossas observações. Após a assistência, os alunos fizeram os seguintes destaques: “sabem passar a bola”; “se movimentam rápido”; “velocidade”; “visão de jogo”; “tabelas”.

Ao observar os alunos realizando a tarefa, percebi que eles mais torceram do que se detiveram na leitura e interpretação. Enquanto assistiam, um aluno comentou um gesto que um dos jogadores fez ao comemorar o gol feito. Perguntei o que significava e o que ele entendera daquilo. Disse que o jogador se referia a alguém que usa bigode pode ser o pai. Perguntei: “e o gesto de bater no peito, o que significa?” “Garra”, professora. “E por que que o jogador se benzeu depois do gol?” “Parece-me um gesto compreensível no âmbito da igreja católica, não é?” “Isso é um agradecimento pelo gol conseguido, professora”. A fim de envolver todos na discussão perguntei se em todos os esportes os jogadores comemoram da mesma maneira. Alguns disseram que não, outros não tinham opinião formada sobre o assunto. Sugeri que esse fosse mais um dos eixos a serem investigados.

Voltando à atividade de análise, perguntei se alguém queria fazer mais algum destaque. Não havendo, propus a leitura de um vídeo sobre táticas, pensando na questão do espaço. O material, bem didático, mostra algumas organizações defensivas, bem como algumas formas de se movimentar na quadra que eles tiveram que gastar um pouco de tempo para entender: organização defensiva sistema 3x1; movimentação paralela 3x1 sistema de

ataque; pisada na lateral esquema 3x1; marcação por zona; sistema 2x2 simples organização defensiva.

Evidente que o objetivo da atividade não foi o aprimoramento ou a melhora do desempenho tático do grupo, mas sim fazê-los perceber que os destaques mencionados por eles na atividade de análise são pensados, dão trabalho, envolvem raciocínio, portanto, não se conseguem sem esforço. Pretendia também fazê-los pensar uma organização para o jogo dos diferentes times da 8ª C. O grupo teve dificuldades de entender as movimentações, então sugeri que escolhessem uma, para que pudessem reproduzi-la na quadra. Para tanto, teríamos que saber as posições dos jogadores e os deslocamentos.

Pedi que o aluno F viesse à lousa e tentasse ajudar o grupo a entender, já que seus comentários me fizeram pensar que ele compreendia a movimentação. Trata-se de uma pessoa que adora jogar futebol e era um dos que resistiam às atividades que envolviam, discussão, reflexão, investigação e registro. Sugeri que ele fosse mostrando o deslocamento separadamente. Desenhei pequenas quadras até conseguirmos concluir a movimentação. O que levou bastante tempo. Embora não tivesse ficado claro para todos, apostei na vivência prática, pois pensei que na quadra ficaria mais fácil. Pedi que se organizassem em grupos de quatro para repetir a movimentação dos jogadores do vídeo. Durante a atividade, cada um foi percebendo suas dificuldades, uma vez que a movimentação envolvia habilidades de chutar, tocar a bola, conduzi-la e passá-la. Para alguns alunos foi muito difícil, mas conseguiram entender os deslocamentos. Esse era o meu objetivo, uma vez que tal entendimento ajuda na leitura e compreensão do jogo. Ao final da aula, pedi que registrassem no caderno as diferenças entre o próprio jogo e o do vídeo da partida Carlos Barbosa x Jaraguá. Aproveitei e perguntei quem poderia ler o seu registro na próxima aula. Como ninguém se manifestou, perguntei aos alunos N e G se poderiam começar a aula lendo seus registros. Eles pediram para fazê-lo em dupla.

Na aula seguinte a proposta foi apresentar as observações dos alunos sobre o jogo deles e compará-las com as observações feitas do jogo apresentado no vídeo. A aluna N trouxe a sua contribuição: “Percebemos que tudo que foi passado nos vídeos, os meninos não praticaram, que foi as seguintes técnicas: estratégia; passe de bola; e organização. Todos os meninos ficavam em um local só, não se espalhavam na quadra”. O aluno H também contribuiu com a leitura do seu registro: “As meninas se separaram em duas equipes, cada equipe tem 5 meninas, não souberam praticar o que a professora pediu para tentar fazer no jogo, que terminou 2 a 1”.

Embora superficiais e com dificuldades para nomear as diferenças, pensei que, em uma nova leitura, aspectos antes não percebidos poderiam compor o rol dos destaques dos alunos. De qualquer maneira, considerando toda a resistência em relação às atividades que exigiam deles implicação e responsabilidade, confesso que não esperava sequer os registros mencionados acima.

A fim de trazer o máximo de recursos que possibilitassem uma compreensão mais profunda dessa manifestação cultural, tanto no que diz respeito à vivência, quanto à apreciação e leitura do jogo, na aula seguinte, como atividade de aprofundamento, o assunto abordado foram as regras do futsal. Dividi a turma em 10 grupos com cinco temas: regras referentes às dimensões da quadra de jogo; à bola; às infrações e sanções; ao número de jogadores e à zona de substituição e área técnica. Um mesmo tema foi estudado por dois grupos.

Cada grupo deveria ler o material contendo as regras oficiais que distribuí e retirar dali o que achasse imprescindível saber para poder participar de um campeonato ou apreciar criticamente um jogo de futsal. Assim que terminassem, socializaríamos os resultados no grande grupo. A tarefa exigiu concentração, atenção, silêncio e trabalho coletivo, razão pela qual alguns reagiram cobrando a vivência com discursos do tipo: “a gente gosta de jogar”; “pra jogar não precisa nada disso”; “e o futebol?” Procurei conversar com cada grupo orientando-os a não fazer resumos, mas a destacar o que consideram mais importante. Um componente do grupo poderia se deter em uma regra, entender e se comprometer a socializá-la. Mas o comportamento e a fala de alguns me fizeram buscar uma atividade que pudesse discutir e colocar sob suspeita, principalmente, o discurso de que todos gostam de futebol.

Iniciei a aula escrevendo na lousa a frase de Millôr Fernandes: “O futebol é o ópio do povo e o narcotráfico da mídia”. Em seguida, lancei as seguintes questões: “Todo mundo gosta de futebol? Quem é que disse que o Brasil é o país do futebol? O que faz vocês acreditarem e afirmarem que todos querem jogar futebol se quando vamos vivenciá-lo, apenas um grupo pequeno é que desfruta desse jogo? Que poder é esse que faz vocês acreditarem nisso?” Pedi para que pensassem nas minhas perguntas e analisassem a frase escrita na lousa. Para essa análise, foi preciso esclarecer o significado das palavras ópio e narcotráfico.

Os posicionamentos emitidos levantaram algumas hipóteses explicativas: “As pessoas são viciadas no futebol”; “se as pessoas fossem menos viciadas em futebol talvez a situação da saúde fosse melhor, a mídia não lucraria tanto”. O grupo comentou que a mídia

manipula as pessoas e faz o povo acreditar no que ela acha interessante. Comentei que é preciso desconfiar do que a mídia traz para dentro de nossas casas. Essa atividade revelou uma participação significativa e diferenciada dos alunos em relação as atividades anteriores, nas quais eram chamados a opinar.

Na primeira aula após o recesso do meio do ano, contei a história do futsal também chamado “esporte da bola pesada”. Na sequência, para ampliar o olhar sobre o futsal, pedi que escolhessem um, dentre os temas que estavam na lousa, para pesquisar e trazer na próxima semana: participação feminina; torneios; organização de torneios e destaques brasileiros dessa prática. Nessa aula, a atenção e a participação dos alunos foi surpreendente.

A insistência para participarem de campeonato fora da escola, me fez pensar em um campeonato organizado pelos alunos que envolvesse as demais séries do ciclo II. Conversei com as três oitavas séries envolvidas no estudo, mas disse que para dar cabo de um evento desse porte precisariam retomar o que já foi estudado e realizar a pesquisa solicitada, principalmente no que se refere à organização de torneios. As três séries assumiram o compromisso de realizar e entregar as pesquisa. Comuniquei que após a entrega e socialização começaríamos a organizar o torneio que encerraria o estudo sobre o futsal.

Continuando o aprofundamento, recebemos a visita de três campeões de futsal: Miral, campeão mundial; Banzé e Batata campeões paulistas de futsal. Os atletas contaram suas experiências, trouxeram vídeos de seus jogos e responderam às questões elaboradas previamente pelos alunos: “Há quantos anos jogam?”; “Qual foi o melhor ano deles no futsal?”; “Com quantos anos começaram a jogar?”; “Como eles combinam as estratégias de jogo?”; “Quais são os códigos que utilizam?”; “Um time de várzea pode virar profissional?”; “Antes do jogo vocês rezam?”; “Em quais situações os jogadores punidos podem voltar ao campo?”; “Quem é responsável por controlar o erro técnico?”; “Qual a importância da FIFUSA para o futsal e porque o a FIFA é que comanda o futsal?” Na sequência foram para a quadra e realizaram o que chamaram de “clínica de futebol”. Para o evento, providenciamos bolas, arcos, coletes, solicitados pelos atletas.

As perguntas e a interação com os atletas revelaram certo conhecimento sobre o futebol, não há como negar que o comportamento dos alunos me fez pensar que todos os conflitos e embates não foram em vão. Os atletas sortearam bolas, camisas autografadas, shorts, meias. Os alunos os acolheram muito bem.

Na aula seguinte recebi as pesquisas e começamos a dividir as tarefas de cada 8ª série: a 8ª A ficou responsável pela divulgação, inscrição, preenchimento e atualização das tabelas. Nessa turma selecionei cinco alunos para atuarem como staffs. À 8ª B ficou a tarefa

de elaborar o regulamento, bem como a montagem e desmontagem do campo de jogo (colocação e retirada de rede, mesas e cadeiras). Por fim, a 8ª C foi responsável pela arbitragem. No caso específico dessa turma, o estudo feito com as regras ajudou-os a definir a atuação de cada um durante o evento. Elegeram o grupo de arbitragem masculina; o grupo de arbitragem feminina; os cronometristas e os mesários.

Reunidos na sala de Educação Física fomos retomando o estudo das regras e esclarecendo as dúvidas. Nesse momento não notei diferença de desempenho entre meninos e meninas, então perguntei o que os meninos achavam da participação e contribuição das meninas nesse trabalho. Afirmaram que as meninas conheciam muito sobre as regras e que certamente iriam contribuir de igual para igual. Aproveitei e comuniquei que na semana seguinte contaríamos com a presença de uma árbitra da Federação Paulista de Futsal, a Aline Nascimento.

A visita da Aline, que também é professora de Educação Física da rede municipal de ensino, visou contribuir com as atividades relacionadas ao eixo sobre a falta de habilidade das meninas e a participação feminina. A conversa com a árbitra foi esclarecedora, não apenas em relação às dúvidas, como também ao papel do árbitro e da árbitra no futsal, a sua postura e as exigências que tem que cumprir para que seja federada. Os alunos avaliaram que a exposição contribuiu sobremaneira para o nosso estudo.

Considero que trazer representantes da prática corporal estudada, promover situações didáticas de análise, exposição, interpretação e comparação no caso da questão feminina, ampliou o olhar sobre o futsal, como era desejável e possibilitou colocar em xeque as representações dos alunos acerca do futebol como o esporte eleito por todos os brasileiros; da inabilidade feminina para o futebol e das aulas de Educação Física como um espaço majoritariamente dedicado à prática, ao fazer pelo fazer.

O estudo de futsal foi encerrado com a realização do torneio iniciado no dia 17 de outubro com uma bela solenidade de abertura. Vale destacar a atuação do aluno R, que espontaneamente leu um pronunciamento, por ele escrito, o qual acolhia a todos, mencionava o caráter agregador do evento, a importância de todos se respeitarem para que esse pudesse ser o primeiro dos muitos torneios que os alunos do Jenny ainda poderiam vir a vivenciar. O projeto encerrou-se no dia 23 do mesmo mês com outra solenidade, premiação dos primeiros colocados e com uma apresentação cultural que prestigiou uma garota cantora da comunidade.

Referências Bibliográficas

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.